

# El comandante supremo

**GERALDO FORBES**

La nave va... O presidente Sarney, indiferente ao caos que criou por querer ficar, prossegue em seu festival de lamúrias e com a tentativa de posar de construtor da democracia. O presidente Collor, preocupado com o caos que se instalou por não querer assumir, insiste no seu festival de bravatas e na construção de um clima de excitação social perigoso para a democracia.

Realmente não vale a pena gastar mais tinta e papel com o sr. Sarney, pobre e patética figura, perdida em devaneios e delírios. Entretanto, em nome da verdade histórica, e para que não prospere mais esta impostura do usurpador maranhense, é preciso que se diga que a sua pretensa contribuição ao processo democrático foi nenhuma.

Servidor, quase sabujo, do regime militar, nele fez carreira e fortuna. Esteve (com Collor) contra o movimento das diretas em 1984 e, ao cair de traseiro, por trapaça do destino, na Presidência da República, nela se aboletou, e com a conivência do sr. Ulysses Guimarães e do PMDB, aí permaneceu contra a lei que obrigava a imediata convocação de eleições para preenchimento do cargo vago.

Além disso, o grande democrata corrompeu a Constituinte para obter os cinco anos, ameaçou-a com a intervenção militar, e, desde a edição da nova Constituição, já a violou tantas vezes quantas emitiu medidas provisórias.

De resto, o ilustre poeta fez pouco do estado de direito, de que se pretende defensor e fiador, nas milhares de ocasiões em que favoreceu com concessões, cargos, empregos e sinecuras seus amigos e compadres e, pior ainda, nas inúmeras vezes em que fechou os olhos, apesar de sua responsabilidade legal, às falcatruas, abusos e furtos de toda ordem, praticados impunemente por seus auxiliares mais próximos.

Portanto, muito ao contrário da imagem do bonzinho injustiçado que se está esforçando por criar, o sr. Sarney com a sua obra de devastação nacional e corrupção universal foi, isto sim, um desprezível homem público, inimigo da ética, da lei e do estado de direito, que pôs em perigo a nossa

tosca democracia. Vade retro e que a História, por justiça, lhe seja pesada. Fim de papo.

E eis que outro poder mais alto se levanta. O presidente Collor chamou mais uma vez a imprensa — no que faz muito bem — para propagar a sua versão, extremamente favorável, da recente viagem e para adiantar outras idéias e planos. Sua excelência estava rodeada de seu reduzido círculo de auxiliares íntimos e de membros da família real.

Na opinião deste articulista, o que se viu foi uma overdose de Collor, collarismo e collarês. Não resta mais dúvida que o presidente está cada dia mais convicto que é de verdade o personagem que criou. Se isso já é uma perigosa delusão, muito mais perigosa ainda é a vasta aceitação que ela vem inegavelmente ganhando, impedida pelo talento presidencial para a comunicação de massa.

O intuito deste comentário não é fazer uma ironia barata. Na verdade, a performance do sr. Collor, afasta a simpatia automática que lhe carregiam as apreensões e as esperanças do momento, e examinada à luz de uma análise objetiva tem de ser considerada preocupante.

Se retirarmos de seu discurso as expressões-códigos de modernidade que soam tão bem aos nossos ouvidos: o fim dos cartórios e privilégios, luta sem quartel contra a inflação e a corrupção, a religação do Brasil com o mundo desenvolvido etc etc, o que resta é um discurso muito sudamericano, bastante à la Alan García e bem parecido com o arqueológico peronismo, inclusive com "descamisados".

"Farei porque quero fazer e hei de fazer", e temos aí o voluntarismo tão caro a essas plagas onde o "como" é sempre o detalhe esquecido e as instituições, um aborrecimento tedioso.

Tudo na entrevista do presidente sóu como se ele ainda estivesse em campanha. As promessas mais temerárias e incumpríveis foram feitas, sem piscar de olhos, num tom de convicção absoluta, dir-se-ia quase de um possuído.

Ora, admitindo-se que o sr. Collor é uma pessoa inteligente há que se admitir um método nessa aparente loucura. E então, qual é a sua? É fácil de ver: o sr.

Collor quer governar com medidas provisórias e leis delegadas e por isso vai criando esse clima de hiperexcitação e de salvacionismo.

Nada disso é mais suposição ou segredo e o sr. Bernardo Cabral nem faz qualquer cerimônia em seus contatos para confirmar este fato. Se o Congresso colaborar por bem, bem; senão, terá de lidar com a pressão popular. E com as milícias coloradas.

Nesse esquema, os abusos de preços caem como sopa no mel e a covardia e o despreparo atávicos das chamadas elites políticas e sociais quase garantem que o sr. Collor vai ter o que quer. Vai levar a todos na emoção, sem dizer por que, como e para quê.

É muito desanimador. Vinte e nove anos depois de Jânio, um trailler da mesma fita que acabou nos plenos poderes dos generais e no pleno desastre nacional. Quando será que os brasileiros vão aprender que democracia é estado de direito não são uma abstração retórica? Quando será que vão se dar conta que o estado de direito é, ao contrário, o bem mais concreto, mais central, mais essencial da sociedade humana no seu esforço de progresso?

Será que não são evidentes as lições da Europa Oriental? E da América Latina? Será que vamos outra vez para o caudilhismo e o personalismo que tanto mal já nos fizeram?

Calminha aí, dom Collor, calminha.

## CURIOSIDADES

1 — Curiosa a emergência do sr. Leopoldo Collor de Mello como grande personagem político, com direito a assento e conselho nas discussões sobre o futuro de São Paulo. Ora, quem é ele, esse Tietê do Agreste, esse forasteiro, para se dar ares e importância de sapo trapa? O sr. presidente eleito e sua família não entenderam uma coisa simples: os votos não foram extensivos a todos os seus.

2 — A nomeação do sr. Rogério Magri, chefe de uma facção sindical e inimigo irreconciliável da CUT, certamente não condiz com a propalada vontade de se tentar um — mais um — pacto social. Figura curiosa a deste líder democrático, há 14 anos dono de um sindicato importante.

Geraldo Forbes é membro do Conselho do Instituto de Estudos Avançados da USP